

COLÓQUIO
Letras
187

COLÓQUIO

Letras



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

numero 187 Setembro/Dezembro 2014



COLÓQUIO

.....

Letras

número 187 Setembro/Dezembro 2014

COLÓQUIO

Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria Helena da Rocha Pereira
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Massaud Moisés
(USP-BRASIL)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Número avulso
13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Telef.: 21 782 35 67 - Fax 21 782 30 48
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Telef.: 21 782 32 33 - Fax 21 782 36 14
E-mail: vendas@gulbenkian.pt

DESIGN TVM Designers

CAPA TVM Designers/Luís Moreira
(montagem com obras de Isabel Pavão)

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas, Lda.

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

VASCO GRAÇA MOURA (1942-2014)

Registrar a morte de alguém nunca é tarefa fácil.

Quando se trata de um dos nossos maiores poetas, de um escritor em que a língua recupera a arte narrativa dos grandes ficcionistas de Oitocentos, de um erudito a quem o estudo do século XVI, dos Descobrimentos a Camões, muito deve, e de um homem de ação que deixa marcas impressionantes na nossa afirmação cultural, mais difícil se torna encontrar palavras para exprimir a sua perda.

E quando, para além de tudo isso, há o sentimento de amizade que dura há décadas, e me fez conhecer uma personalidade complexa nos aspetos literário, profissional e humano, procurando sempre que a vida, onde se incluíam essas pequenas coisas apenas guardadas na memória dos que com ele conviveram, fosse aproveitada até ao limite, o vazio é maior.

Sei que era visto como um intelectual político e, para muitos, essa imagem escondia o poeta, o escritor, o tradutor; mas quem o conhecia, mesmo tendo opiniões contrárias e muitas vezes radicalmente contrárias, sabia que o Vasco fazia da truculência uma figura de estilo, e na discussão o homem de diálogo e de compreensão sobrepunha-se a tudo o resto, o que explica a sua amizade com quem olhava o mundo pela ótica inversa da sua.

Sabendo próximo o seu fim, muitas homenagens lhe foram prestadas; e em todas elas, para além da justiça de as consagrações, o Vasco emprestou a sua presença, apesar de as dificuldades físicas se irem tornando cada vez mais visíveis. Se o fazia era para nos dizer que a vida é mais forte do que todas as ameaças, e o importante é resistir, como ele fez, até ao último minuto.

Fica-nos a sua obra. Quando a poeira do tempo e de polémicas efémeras assentar, e isso talvez já tenha acontecido, todos reconhecerão a grandeza deste Homem, do destino português que assumiu e que o amor pela terra não deixaria abandonar.

E nunca, como neste momento, é tão exato dizer o agradecimento que lhe devemos por tudo o que, em tão curta vida, com tanto engenho e arte soube fazer.

Nuno Júdice

SUMÁRIO

	AGUSTINA
9	Agustina e os pensamentos alucinados <i>Patrícia da Silva Cardoso</i>
16	Memória cultural e ironia sexual em Fanny Owen <i>Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso</i>
26	Jogos da cabra-cega <i>Anamaria Filizola</i>
34	«A cena é a vida» <i>Dalva Calvão</i>
42	Agustina e o significado das coisas <i>Álvaro Manuel Machado</i>
53	Agustina e Eugénio: uma epistolografia <i>Eduardo Paz Barroso</i>
	INÉDITO
62	Um inédito de Agustina Bessa-Luís: «Três mulheres com máscara de ferro»: cristalizações do feminino <i>Isabel Pires de Lima</i>
	TEXTOS
78	<i>Maria Velho da Costa</i>
79	<i>Ana Margarida de Carvalho</i>
82	<i>Armando Silva Carvalho</i>
84	<i>Hélia Correia</i>
86	<i>Mário Cláudio</i>
89	<i>Lídia Jorge</i>
	ARTIGOS
93	A «beleza luminosa» dos «ténues ecos homéricos»: «A Epopéia» de Tennyson e a «Mensagem» de Pessoa <i>Xingyue Zhou</i>
112	Diagramas nos «Sertões» de Euclides da Cunha <i>João Queiroz</i>
	DIÁRIO
129	<i>Marcello Duarte Mathias</i>
	IN MEMORIAM
143	Vasco Graça Moura: a grandeza das letras <i>Rita Marnoto</i>
	CRÓNICA
146	<i>Helder Macedo</i>

NOTAS & COMENTÁRIOS

153	Viagem na poética pessoana <i>Manuela Parreira da Silva</i>
160	Jorge de Sena: «Opera Omnia» ou a evidência da poesia <i>António Carlos Cortez</i>
168	Os caminhos habitados <i>Fernando J. B. Martinho</i>
175	«Acta est fabula»: memórias de Eugénio Lisboa <i>Pierrete e Gérard Chalendar</i>
183	Rui Nunes: «Uma viagem no Outono» ou a solidão do olhar <i>Maria João Reynaud</i>
188	O exílio na poética de José Martins Garcia <i>Onésimo Teotónio Almeida</i>
198	Obscura luz <i>Eduardo Lourenço</i>
206	Notas para a poesia de Rui Costa (1972-2012), que entrou antes de mim nos jogos <i>Margarida Vale de Gato</i>

RECENSÕES CRÍTICAS

CULTURA EUROPEIA

219	<i>A Identidade Cultural da Europa</i> , Vasco Graça Moura MARCELLO DUARTE MATHIAS
-----	---

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

223	<i>Antologia Poética</i> , Natália Correia FERNANDO DE CASTRO BRANCO
227	<i>A Dama e o Unicórnio</i> , Maria Teresa Horta MARIA JOÃO REYNAUD
230	<i>A Misericórdia dos Mercados</i> , Luís Filipe Castro Mendes TERESA CARVALHO
233	<i>A Papoila e o Monge</i> , José Tolentino Mendonça DIANA PIMENTEL
237	<i>O Vidro</i> , Luís Quintais GASTÃO CRUZ
239	<i>Alvidrio</i> , Jorge Melícias FERNANDO GUIMARÃES
241	<i>Tradução das Manhãs</i> , Gisela Ramos Rosa MARIA TERESA DIAS FURTADO

AFORISMOS

243	<i>Fragments Poéticos</i> , António Patrício DUARTE DRUMOND BRAGA
-----	--

FICÇÃO

244	<i>Perfumes Eróticos em Tempo de Vacas Magras</i> , Manuel da Silva Ramos MIGUEL MARTINS
-----	---

- 245 *A Mulher Que Venceu Don Juan*, Teresa Martins Marques
MARIA JOÃO CANTINHO
- 248 *Tudo são histórias de amor*, Dulce Maria Cardoso
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA
- 251 *Hotel*, Paulo Varela Gomes
CARLOS CÂMARA LEME
- 253 *À Espera de Moby Dick*, Nuno Amado
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- TRADUÇÃO
- 254 *Ulisses*, James Joyce
TERESA CASAL
- VÁRIA
- 258 *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Gonçalo M. Tavares
MARIA ALZIRA SEIXO
- ENSAIO
- 260 *Cinco Ensaios Circum-Camonianos*, Maria Luisa Meneghetti,
Cesare Segre e Giuseppe Tavani
MARIA VITALINA LEAL DE MATOS
- 263 *Uma Antologia Improvável*, AA. VV.
JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS
- 266 *Entre a História e a Ficção*, Gabriela Gândara Terenas
JORGE BASTOS DA SILVA
- 268 *O Século do Romance*, coord. António Apolinário Lourenço,
Maria Helena Santana e Maria João Simões
MARIA DA NATIVIDADE PIRES
- 271 *Poética do Corpo*, Ana Luísa Vilela
FABIO MARIO DA SILVA
- 274 *Vida e Obra de Guilherme de Faria*, José Rui Teixeira
FERNANDO GUIMARÃES
- 275 *Mário-Henrique Leiria Inédito e a Linhagem do Surrealismo em Portugal*,
Tania Martuscelli
MARTA BRAGA
- 278 *Poética e Filosofia da Paisagem*, Michel Colot
LEONARDO GANDOLFI
- LITERATURA ANGOLANA
- FICÇÃO
- 281 *O Tímido e as Mulheres*, Pepetela
MARIA FERNANDA AFONSO
- LITERATURA BRASILEIRA
- POESIA
- 283 *Pier*, Sérgio Alcides
MÁSÉ LEMOS

AGRADECIMENTOS: A Isabel Pavão pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. A Mónica Baldaque e ao Círculo Literário Agustina Bessa-Luís, a Paulo Pereira, Hugo Moreira, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.



Esta gente que vai desaparecendo à nossa volta assemelha-se àquelas antigas fotografias dos regimes comunistas, em que certos figurões caídos em desgraça não mais comparecem ao lado dos velhos camaradas, deixando na versão retocada um vazio por preencher. À maneira de uma nódoa invisível.

Quando chegar a nossa vez, haverá uma outra ausência, e essa nova ausência seremos nós.

Abuxarda, domingo, 27 de Abril

Na morte de Vasco Graça Moura

A morte de um velho sábio equivale ao desaparecimento de uma biblioteca, segundo um conhecido provérbio africano. À sua maneira, o Vasco Graça Moura era uma grandiosa biblioteca que, de tão vasta e antiga, ninguém sabia ao certo a data da sua fundação. Nasceria com ele? Ou precedera-o de alguns séculos?...

Homem de convicções e coração generoso, não lhe faltava tão-pouco independência de espírito. Tinha gosto, aliás, em remar contra a maré e fazia-o com inegável desassombro. E, o que mais é, com júbilo. A cultura é o outro nome da liberdade.

Face ao cancro que andou anos seguidos a apertar-lhe o cerco, o Vasco deu provas da mesma teimosa irreverência. Fez-lhe frente e não lhe virou a cara, sem desmerecer da vida que amou plenamente. Dia a dia e com igual paixão. Sim, sem nada ceder ou conceder do que era seu, resistiu até ao último momento, sem jamais se dar por vencido.

Há amigos que morrem sem que da nossa parte nos haja sido possível corresponder ao muito que, ao longo dos anos, lhes ficámos a dever. Dívidas insoldáveis.

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

¹ Referido no *Diário de Paris*, a 7 de Fevereiro de 2003, p. 258-62.

² «Le bonheur? Un mot malheureux.» Cf. *Impasse de la Défense, carnets, 1993-1995*, Paris, Éditions Erti, 1998.

³ «C'est avec ce que nous n'avons pas eu, que nous écrivons.» Cf. *À la demande générale, carnets 2009-2011*, Paris, Le Dilettante, 2013.

⁴ Cf. carta de Hannah Arendt datada de 20 de Julho de 1963, *Correspondance Hannah Arendt — Gershom Scholem*, Paris, Éditions du Seuil, 2012, p. 429.

⁵ Cf. Elzbieta Ettinger, *Hannah Arendt e Martin Heidegger*, Lisboa, Relógio d'Água, 2009, p. 84.

⁶ Alusão ao conhecido verso de Yeats «How can we know the dancer from the dance?».

⁷ *Journal Inutile, 1968-1972*, Paris, Gallimard, 2001, p. 259.

⁸ *Coração Andarilho*, Editora Record, 2009, p. 227.

A grandeza das letras

RITA MARNOTO

PARTIU UM HOMEM que tinha uma relação privilegiada com os grandes, os grandes poetas, os grandes pintores, os grandes músicos. Ficou o homem que nos deixou sextinas, sonetos, contos, romances, letras para fados, poemas com rima, poemas sem rima, artigos na imprensa, ensaios, traduções, e também batalhas por ideias, edições, mostras, concertos, numa acção cultural com diversíssimas vertentes que marca o tempo que somos.

Ter traduzido para português a poesia dos três escritores que da Idade Média ao Maneirismo — escreveu — mais influenciaram a cultura ocidental, Dante, Petrarca e Shakespeare, «foi [...] uma experiência pessoalmente muito gratificante». Na música, as suas paixões iam de Bach às sinfonias de Mahler, aos concertos de Mozart, aos quartetos de Schubert, a Monteverdi e ao fado. Gostava da perspectiva de Piero della Francesca, das cores de Giorgione e da luz de Vermeer, sempre os grandes. Também a sua poesia se alicerça sobre os grandes nomes do mundo ocidental. O seu tigre é o de William Blake, a sua pantera é a de Rainer Maria Rilke e ao escrever o seu testamento fá-lo com François Villon.

Quando escrevia poesia não usava maiúsculas, nem para o nome dos seus escritores, músicos ou pintores. Eram a matéria que respirava e que plasmava cada momento da sua escrita, para depois se fazer quadro de mundo que irradiava por toda a sua actividade.

Para Vasco Graça Moura, o mundo tinha uma ordem que o suportava e lhe servia de guia de percurso. Disputava a cada dia a sua refundação, como se tivesse sob os olhos um tratado de Alberti: a disposição dos elementos, as simetrias, os ritmos, o modo mudando e a divina proporção. Depois desdobrava essa ordem em analogias que a estendiam por uma cadeia imensa de possibilidades, e ao mesmo tempo a fortaleciam. Música, literatura, pintura, fotografia, entre português, castelhano, francês, italiano, alemão, inglês. Os poetas que mais gostava de traduzir eram os que escrevem em modelos métri-

cos rigorosos, o que lhe dava oportunidade para aquele combate «corpo a corpo» que tantas vezes evocou. Espelha-se nesse trabalho, a técnica do poeta que cultivava rimas e metros difíceis, mas parecem fáceis pela fluidez da musicalidade que lhes imprime. A ordem de Vasco Graça Moura é a da combinação entre autores, tempos, lugares, artes e línguas, em sucessivos reflexos lúdicos que ficam contidos no próprio quadro de convenções que simulam.

A amplidão das cadeias de substituições e desvios que se dilatam em sucessivos e imprevistos alargamentos está contida na arquitectura de um mundo em maiúsculas. Aí reside a aliança entre leveza e firmeza que vai refundando a forte marca heurística do seu discurso e da sua poesia. O jogo de combinações, regulado pela agudeza do contraditório e do inesperado, é o instrumento primordial dessa reflexão sobre as coisas. Penetra nelas com uma ironia socrática, que é a forma de as pôr em causa e as subverter, «de instabilizar certezas adquiridas, de proporcionar aproximações entre realidades eventualmente não pensáveis como aproximáveis» — dizia ele próprio. Fica sempre contida nas regras do jogo. É o excesso de Wittgenstein que suspende o mundo habitual para lhe substituir o simulacro, feito de combinações até então nunca admitidas, mas sustidas pela ordem de um jogo que liga sistemas linguísticos e meios de expressão artísticos diversificados.

Foi esse o lastro a partir do qual soube chamar e integrar um vasto público na acção cultural que promoveu e naquilo que escreveu para leitores de jornais, melómanos, eruditos e crianças. É essa a grandeza das letras do seu nome.

Talvez o poeta que mais o fascinou tivesse sido Camões, num diálogo entre ensaio, poesia e pintura que convoca as raízes europeias da épica e do lirismo modernos. Como poucos, sabia descobrir, na poesia camoniana, a leitura até então insuspeita de autores e obras de inequívoca referência. A cumplicidade com os seus metros e os seus ritmos era tal que lhe brotava espontaneamente da escrita.

Um dia estava eu a preparar um seminário do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos sobre a lírica de Camões. O Vasco estava a comentar as redondilhas *Sóbolos rios que vão*, um texto que conhecia profundamente e ao qual dedicou estudos que são marcos miliários da crítica camoniana. Enviei-lhe uma mensagem acerca das semelhanças entre a toada de algumas proposições condicionais e uns versos dos *Carmina latina epigraphica* citados por Leon Battista Alberti no início do IV capítulo do VIII livro do *De re aedificatoria*:

*Si pensare animas sinerent crudelia fata
et posset redimi morte aliena salus,
quantulacunque meae debentur tempora vitae,
pensassem pro te, cara Homonoea, libens.*

Se só com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fará se em ti se achar?

*at nunc quod possum, fugiam lucemque deosque,
ut te matura per Styga morte sequar.*

A aproximação não é muito ortodoxa, mas a relação entre textos é sugestiva. Respondeu-me de imediato com uma erudita dissertação acerca da forma como Camões poderia ter tido acesso a Alberti através dos círculos do infante D. Luís e de Pedro Nunes. Depois de tudo isso, não resistiu ao fascínio do desfile combinatório de línguas e nomes. Terminou a mensagem com a «eventualmente não pensável» transferência dos primeiros versos do *carmen* latino para a linguagem de Camões e para a métrica de *Sóbolos rios que vão*:

Aqui vai uma versão pedestre dessa passagem, à maneira das quintilhas camonianas:

Cara Homonoea, se o Fado
cruel nos fosse deixar
nossas vidas permutar,
minha vida, de bom grado,
pela tua eu ia dar.

Assim nada mais me resta
se não céus e luz fugir
para te poder seguir
no Estígio ao qual já lesta
a minha morte se apresta.

No Estígio, o Vasco Graça Moura continua o jogo das maiúsculas. Está agora a dar umas voltas com o Dante, para cima e para baixo, e a escrever sonetos ao computador com a pantera do Rilke.